

EDUCAÇÃO PERMANENTE NO TRABALHO COMO UM PROCESSO EDUCATIVO E CUIDATIVO DO SUJEITO-CUIDADOR^a

Fabiane FERRAZ^b
Nádia Chiodelli SALUM^c
Telma Elisa CARRARO^d
Vera RADÜNZ^d
Lita Miriam Moore ESPINOZA^e

RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão teórica, que aborda a perspectiva da educação permanente no trabalho como uma forma de cuidado do sujeito-cuidador, quando utiliza práticas educativas que valorizam a criatividade, participação e autonomia dos sujeitos-cuidadores, reconhecendo nestes a unicidade na diversidade. Destaca a possibilidade do ato de educar ser um ato de cuidado, pela inter-relação entre estas duas ações, configurando o processo educativo/cuidativo que ocorre no ambiente de trabalho, que engloba atitudes e responsabilidades, sendo que a vivência desse encontro proporciona significado próprio a cada um, provocando transformações, tanto pessoais – físicas, emocionais, culturais, técnico-científicas e éticas – quanto institucionais.

Descritores: Educação continuada. Cuidado periódico. Enfermagem.

RESUMEN

El presente trabajo es una reflexión teórica, que aborda la perspectiva de la educación permanente en el trabajo como una forma de cuidado del sujeto-cuidador, cuando éste utiliza las prácticas educativas que valoran la creatividad, la participación y la autonomía de los sujetos-cuidadores, reconociendo en estos la singularidad de la diversidad. Destaca la posibilidad de que el acto de educar sea también un acto de cuidar, por la interrelación entre estas dos acciones, configurando el proceso educativo-cuidador que ocurre en el ambiente de trabajo. Éste engloba actitudes y responsabilidades, en que la vivencia de ese encuentro proporciona un significado propio a cada uno, provocando transformaciones, tanto personales-físicas, emocionales, culturales, técnico-científicas y éticas, como institucionales.

Descriptor: Educación continua. Episodio de atención. Enfermería.

Título: La educación permanente en el trabajo como un proceso educativo y cuidador del sujeto-cuidador.

ABSTRACT

This paper is a theoretical reflection on the possibilities of Permanent Education at work as a means to care for the caregiver. Educational practices are used to value caregiver's creativity, participation, and autonomy, bearing in mind his/her uniqueness in diversity. It indicates the possibility of education as an act of care, by inter-relating these two actions, and setting up the Educating and Caring process that occurs in the work setting and includes attitudes and responsibilities. The experience of this encounter has an unique meaning for each person involved, and promotes both personal – physical, emotional, technical, scientific and ethical – and institutional transformations.

Descriptors: Education, continuing. Episode of care. Nursing.

Title: Permanent education at work as a process of educating and caring the caregiver.

^a Reflexão teórica desenvolvida na disciplina “O Cuidado em Enfermagem e Saúde” do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC).

^b Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo PEN/UFSC. Bolsista do CNPq 2004/2005.

^c Enfermeira do Hospital Universitário da UFSC. Mestre em Enfermagem. Doutoranda do PEN/UFSC. Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

^d Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem e do PEN/UFSC.

^e Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda do PEN/UFSC.

1 CONTEXTUALIZANDO O CUIDADO E A EDUCAÇÃO PERMANENTE

Nesta reflexão teórica compreende-se que o cuidado na Enfermagem não é determinado somente pela concepção epistemológica, a qual prioriza as questões do conhecimento científico e da aplicabilidade de cuidados diretos ao sujeito-cidadão do cuidado. Mas vai, além disso, pois o considera com características mais abrangentes, sendo também estruturado dentro de concepções ontológicas, uma vez que ocorre por meio da relação e compromisso consigo e com o outro, configurando-se como um modo-de-ser essencial do ser humano, visto que “o modo-de-ser é uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer”^(1:34).

Neste sentido, o cuidado se manifesta nas relações compartilhadas, expressando-se numa interação com o outro, que engloba atitudes e responsabilidades, pois

o cuidado inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira, atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro. A segunda, de preocupação e de inquietação, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada ao outro^(1:91-2).

Nas interações de cuidado os seres humanos vão construindo seu próprio ser, à medida que vão tomando consciência que é sua a responsabilidade por atitudes, comportamentos e hábitos, positivos ou negativos, saudáveis ou não. Percebe-se então, o cuidado como uma forma de intervir e transformar situações, pessoas ou coisas, ocorrendo pelo encontro entre eles. A vivência desse encontro produz significado próprio a cada um, provocando transformações quer sejam físicas, emocionais, culturais e éticas.

Inclui-se nessa interação de cuidado, a objetividade e a subjetividade do ser humano, deixando de ser apenas um ato mecânico, para tornar-se um vínculo que os sensibilizam a este contato. Esse “estar com” favorece a manifestação da intersubjetividade, em que existe a percepção de um em relação ao outro, pois “o princípio fundamental para garantir a qualidade ao cuidado é partir da reflexão de que aquela pessoa a ser cuidada tem semelhanças com o nosso ser”^(2:364), ou se-

ja, necessita-se a compreensão do ser e agir do outro, num movimento de empatia recíproca, em que cada um revela a sua essência.

A realização de procedimentos técnicos bem definidos e destinados a produzir resultados à melhoria da saúde faz do ser humano assistido pela técnica, um objeto de conhecimento e intervenção técnico-científica configurando este ato como “tratar”. Porém, é preciso que o “cuidar” não seja visto apenas como uma pequena tarefa parcelar das práticas de saúde, pois o cuidado busca ser um espaço relacional, que considera o ser humano assistido, não somente como objeto, mas também como sujeito, uma vez que a atitude de cuidado precisa se expandir para uma prática que vislumbre a totalidade do ser humano⁽³⁾.

Nesta perspectiva o ato de cuidar significa dedicar tempo, atenção, disponibilidade, zelo, carinho, conforto, respeito, solidariedade, compaixão, competência e ética, que se processa por meio de uma relação de horizontalidade e igualdade em que o sujeito-cidadão do cuidado e o sujeito-cuidador são co-partícipes dessa construção. Todavia, para que o cuidado seja realmente efetivo, o sujeito-cuidador deve inicialmente conhecer e cuidar de si próprio, pois para cuidar de alguém é preciso conhecer suas potencialidades e limitações, para a partir desse momento, conseguir conhecer e atender as necessidades do outro⁽⁴⁾.

Este modo de compreender o cuidado implica na busca do equilíbrio entre o atendimento das necessidades do sujeito-cidadão do cuidado e do sujeito-cuidador. O desequilíbrio desta relação manifesta-se quando se cuida mais de si mesmo do que do outro, podendo com isto gerar condutas tecnicistas e a mecanização do cuidado. No outro extremo, quando se cuida mais do outro do que de si mesmo, corre-se o risco de levar o sujeito-cuidador ao estresse, ao cansaço, a frustração, a desmotivação e ao *burnout*⁽⁵⁾.

O *burnout* é a Síndrome da Exaustão, que se caracteriza por um desgaste físico e emocional associado ao trabalho profissional, decorrente de altos níveis de tensão relacionadas às demandas emocionais, atenção e responsabilidade exigidos no exercício da profissão. Desta forma o trabalhador pode experimentar alterações tanto físicas, como emocionais e comportamentais⁽⁶⁾.

Esta síndrome afeta principalmente os trabalhadores das áreas da saúde e educação, por

estarem constantemente envolvidos em situações de tensão, precisando interagir com pessoas preocupadas ou com problemas. O *burnout* envolve três componentes,

exaustão emocional – os profissionais sentem que não tem mais o que dar de si mesmos, pois estão com sua energia e recursos emocionais esgotados, pelo constante contato com pessoas e seus problemas; despersonalização – ocorrendo um endurecimento afetivo com desenvolvimento de atitudes negativas e cínicas em relação aos seus clientes; falta de envolvimento pessoal no trabalho – afetando as habilidades na sua realização, bem como as relações interpessoais com clientes e equipe^(7:238).

Os trabalhadores de Enfermagem, inseridos no conjunto de profissionais da área da saúde, compõem a equipe que se responsabiliza pelo cuidado prestado ao sujeito-cidadão do cuidado e seus familiares. Dessa forma, estão suscetíveis a desenvolver *burnout*, uma vez que se percebe na realidade do trabalho, as influências negativas geradas pelo trabalho parcelar, com duplas e longas jornadas de trabalho, associado ao sofrimento e o contato direto com a vida e a morte.

Vivencia-se no processo de cuidar um mundo complexo, de inter-relações, sofrimentos, medos, conflitos, jogos de poder, entre outras questões que permeiam o cotidiano dos trabalhadores de Enfermagem, sendo que muitas vezes os próprios trabalhadores não se permitem ultrapassar estes obstáculos, gerando conflitos e insatisfações, afetando o entusiasmo de quem cuida dando origem ao *burnout*⁽⁵⁻⁷⁾.

Frente a essa questão, busca-se analisar e refletir sobre a importância de cuidar do sujeito-cuidador, compreendendo e defendendo a educação permanente no trabalho, como uma forma de executar este cuidado, quando esta utiliza práticas educativas que valorizem a criatividade, participação e autonomia dos sujeitos-cuidadores, reconhecendo nestes a unicidade na diversidade.

Corroborar-se com a idéia que é possível viver e trabalhar melhor⁽⁸⁾, a partir do momento que as práticas educativas sejam fundamentadas na crença de que

a otimização buscada pelo cotidiano institucional depende do reconhecimento e re-

forço das identidades profissionais que participam do trabalho coletivo de assistência ao cliente, bem como sensibilização, atualização e profissionalização de suas dinâmicas interativas e relacionais^(8:i).

Neste sentido, a educação permanente no trabalho configura-se como um instrumento para realização de cuidado do sujeito-cuidador, compreendendo esse sujeito como um ser humano, um “ser” de relações consigo, com o outro e com o mundo, num processo contínuo e dinâmico de cuidar, ensinar, aprender, construir, desconstruir, reconstruir e interagir.

Desta forma, acredita-se que as instituições de saúde possam constituir-se como espaços destinados a favorecer o crescimento pessoal e profissional, bem como contribuir para a qualidade de vida dos trabalhadores da saúde ao reconhecê-los como sujeitos de sua própria história.

Nesta perspectiva, as instituições de saúde são co-responsáveis pelo processo de desenvolvimento dos trabalhadores da saúde, apontando a educação permanente no trabalho como uma possibilidade para efetivar o cuidado ao sujeito-cuidador, uma vez que se compreende a educação permanente/continuada como

um processo educativo formal ou informal, dinâmico, dialógico e contínuo, de revitalização pessoal e profissional, de modo individual e coletivo, buscando qualificação, postura ética, exercício da cidadania, conscientização, reafirmação ou reformulação de valores, construindo relações integradoras entre os sujeitos envolvidos, para uma práxis crítica e criadora^(9:201).

Logo, as atividades de educação permanente se, efetivamente desenvolvidas e direcionadas à construção coletiva de conhecimentos, constituem-se em uma das formas de promover e melhorar as competências técnico-científicas e humanísticas dos trabalhadores de Enfermagem em relação ao cuidado de si e ao cuidado prestado ao sujeito-cidadão do cuidado.

Assim, a educação permanente fundamentada na concepção pedagógica problematizadora defende que o saber produzido deve romper com a dissociação hierárquica entre alguns que supostamente detém o conhecimento e sabem ensinar, e outros, que supostamente são ignorantes e devem

aprender, pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”^(10:68). Essa relação de ensino-aprendizagem ocorre essencialmente por meio do diálogo, porém não um diálogo que é puro verbalismo, que busca apenas a troca de idéias, mas um diálogo libertador que implica assumir compromissos, comprometendo-se consigo e com o outro, o qual resulte em uma ação transformadora^(10,11).

2 A EDUCAÇÃO PERMANENTE COMO UMA FORMA DE CUIDADO DO SUJEITO-CUIDADOR

Por meio do trabalho o ser humano constrói sua vida e se insere no mundo, não apenas para dar conta de sua subsistência, mas para sua realização pessoal e profissional. Neste sentido, o trabalho possibilita a continuidade do processo de formação humana, tanto em sua produtividade técnica, como nas dimensões, política, cultural, estética, artística, ou seja, em sua subjetividade.

Deste modo, acredita-se que a educação permanente pode servir de caminho para emancipação e autonomia do sujeito-cuidador – trabalhador de Enfermagem, uma vez que é na relação entre o mundo da formação e o mundo do trabalho, que “o aprender e o ensinar se incorporam ao cotidiano das organizações e ao trabalho”^(12:9).

A utilização de práticas educativas no trabalho, planejadas e vivenciadas dentro de uma perspectiva que valoriza a subjetividade do ser humano, contribui para a transformação da prática do cuidado e da qualidade de vida do sujeito-cuidador na Enfermagem. Desta forma, a prática de educação permanente no trabalho torna-se um processo de cuidado do sujeito-cuidador, haja vista, que o ensinar proporciona o cuidar, num exercício de construção e reconstrução de conhecimentos, valores e atitudes. Para tanto, deve-se considerar o saber que o sujeito-cuidador já possui, bem como estimulá-lo a buscar novos saberes e práticas, entendendo que se aprende no processo de ensinar, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”^(11:25).

Assim, o processo de compartilhar experiências e conhecimentos dentro de uma relação

dialógica de respeito e reconhecimento da unicidade e diversidade das esferas individual e social do ser humano, configura-se em uma educação permanente no trabalho que busca romper com a ênfase no “fazer” em detrimento do “ser”.

A educação permanente concebida como um ato de cuidado do sujeito-cuidador, implica na adoção de uma política institucional participativa que requer compromisso pessoal, profissional e institucional, que assegure sua realização e continuidade, vislumbrando desta forma a valorização do trabalho e do sujeito-cuidador. Ato que implica na melhoria da qualidade de vida desse sujeito-cuidador e melhoria da qualidade do trabalho desenvolvido, por meio da adoção de medidas que proporcionem um trabalho mais prazeroso pela valorização e reconhecimento dos potenciais de cada sujeito.

Ao focar como se processa o cuidado entre sujeitos-cuidadores, percebe-se que muitos têm reproduzido o discurso dominante, que prioriza a doença e descontextualiza o ser humano e o cuidar nas suas dimensões social, cultural, histórica, política, econômica, psicológica, ecológica e espiritual. Destaca-se ainda, a manutenção das relações verticais e impessoais dos sujeitos-cuidadores entre si, com os sujeitos-cidadãos do cuidado, famílias e alunos; a insensibilidade e indiferença dos sujeitos-cuidadores em face às injustiças e violências do meio, dentre outros⁽¹³⁾.

Hodiernamente, os sujeitos-cuidadores – trabalhadores de Enfermagem, no seu processo de trabalho cuidar, esquecem muitas vezes que também são “gente”, e como gente, também tem o dever e o direito de se cuidar e de serem cuidados. No contexto da Enfermagem, esta prática de cuidar do sujeito-cuidador não é comum, sendo preciso alertar estes trabalhadores, pois na maioria das vezes cuidam do outro, mas esquecem de cuidar de si mesmos⁽¹⁴⁾. Nesse sentido, há que se buscar estratégias compartilhadas, flexíveis e participativas entre instituição e sujeitos-cuidadores, que integrem e mobilizem conhecimentos e ações para que esse processo de cuidado dos trabalhadores se efetive, de forma a enfrentar a complexidade e diversidade do mundo contemporâneo, para agir sobre ele, transformá-lo e adaptá-lo às suas necessidades e desejos.

No campo da experiência concreta, observa-se que a proposta de educação permanente de-

envolvida na Enfermagem de um Hospital Universitário Federal de Ensino da Região Sul do Brasil⁽¹⁵⁾ apresenta esta concepção, ao possuir como programas permanentes a inclusão do trabalhador na instituição e setor de trabalho; programas de capacitação que atendem as expectativas e necessidades dos trabalhadores e da instituição; possibilidade de liberação para realização de cursos de curta e longa duração com ajuda de custo; remanejamento interno segundo interesses e habilidades dos trabalhadores; oportunidade de acompanhamento médico, odontológico e psicológico; possibilidade de usufruir de espaços de relaxamento através de terapias alternativas no horário de trabalho, entre outros.

Percebe-se neste contexto institucional, a educação permanente no trabalho como uma tentativa de romper com o paradigma dominante positivista e unidirecional, para um paradigma de multidimensionalidade no sentido de perceber o sujeito-cuidador na sua totalidade, objetividade e subjetividade, pela inter-relação dos fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, culturais, sociais e éticos. Nesta aplicação, “novas formas de consciência social e política emergem, promovendo a valorização da diversidade dos seres, das idéias, das opiniões, de perspectivas teórico-filosóficas e de expressão no mundo, como necessário à riqueza e plenitude da vida”^(13:255).

Neste sentido, entende-se a educação permanente no trabalho como prática de humanização e cuidado do sujeito-cuidador, sendo que esta humanização é compreendida e direcionada ao trabalhador de Enfermagem e se caracteriza por meio da socialização dos conhecimentos, inclusão dos excluídos, abertura de espaços para as diferenças, reconhecendo e buscando combater as desigualdades, afastando-se dos preconceitos e discriminações para um reconhecimento social e produtivo. Sem esta perspectiva, perde-se o sentido do cuidado como essência do ser humano perde-se a subjetividade, perde-se a autonomia, perde-se o ver o outro e a si mesmo.

Nesta reflexão, considera-se o sujeito-cuidador como o sujeito do processo educativo e cuidativo, pois é ele quem vai identificar as prioridades para o aprimoramento, o qual surge em decorrência do avanço tecnológico e da necessidade de crescimento pessoal e profissional. Destaca-se que a efetivação desse processo requer estratégias

que permitam um real cuidado do profissional no local de trabalho, as quais sejam estruturadas de modo viável e contextualizada, tendo em vista a realidade de cada instituição. Para tanto, faz-se necessário o envolvimento e compromisso da instituição como um todo, o que atualmente, tem sido discutido como gestão participativa⁽¹⁶⁾.

Nesta perspectiva, entende-se ser a educação permanente no trabalho um **processo cuidativo** do sujeito-cuidador, quando nela está presente a adoção de uma relação dialógica de troca entre os sujeitos-do-cuidado, neste momento entendidos como os trabalhadores de Enfermagem, e, o sujeito-cuidador, aqui referindo-se à instituição, chefias, coordenadores. Há nesse processo respeito às diferenças individuais entre os sujeitos-cuidadores e a instituição, proporcionando crescimento, pessoal, profissional e institucional, pois desse modo, há um comprometimento consigo e com o outro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se refletir sobre educação permanente no trabalho, como forma de cuidado do sujeito-cuidador, é possível reconhecer que na maioria das instituições de saúde, isso ainda, configura-se como uma utopia, no sentido que a concepção de educação permanente está muito atrelada em servir apenas como capacitação dos trabalhadores para a execução de um serviço de boa qualidade⁽¹⁷⁾.

O grande desafio que se apresenta à educação permanente, é esta servir para associar o trabalho ao cuidado do sujeito-cuidador, pelo reconhecimento que eles não se opõem, mas se complementam e juntos constituem a integralidade da existência humana⁽¹⁾. Desta forma, é preciso repensar esta prática continuamente, buscando uma práxis mais humanizada, entendendo o cuidado, em suas dimensões epistemológicas e ontológicas, como realmente a essência da Enfermagem.

Sabe-se que o processo de educação permanente no trabalho traz diversos desafios, tanto para as instituições, quanto para os trabalhadores, no sentido de superação da formação e capacitação na dimensão apenas cognitiva e técnica para entender a complexidade e a multidimensionalidade que se processa no ato de prestar o cuidado, resgatando a condição integral do sujeito-cidadão do cuidado e do sujeito-cuidador.

Assim, a construção do saber e do cuidado, dar-se-á num movimento dinâmico, permanente, criativo que se expressa pela valorização do diálogo, do compartilhar saberes, entre a razão e a intuição, o objetivo e o subjetivo, advindas das experiências individuais para recriar um novo cuidado por meio do conhecimento de si e do outro.

Neste sentido, defende-se a educação permanente no trabalho, como uma forma diferente de entender e realizar o trabalho, bem como, a possibilidade de melhoria da qualidade de vida do sujeito-cuidador – trabalhador de Enfermagem. Ainda, compreende-se que dentro da estrutura organizacional do serviço de educação permanente no trabalho, o sujeito-cidadão do cuidado é o sujeito-cuidador, e nessa inter-relação, a educação é entendida como um **processo cuidativo**.

Logo, a perspectiva da educação permanente ser uma forma de cuidado do sujeito-cuidador é, neste trabalho, compreendida como ação-reflexão-ação, em que o ato de educar e o ato de cuidar se inter-relacionam por meio de um processo dinâmico e dialógico, o qual configura-se como um processo cuidativo, que ocorre no ambiente de trabalho entre o sujeito-cuidador – instituição e, o sujeito-cidadão do cuidado – trabalhador de Enfermagem. Acredita-se que só por meio deste processo educativo e cuidativo, tornar-se-á possível visualizar a multidimensionalidade do ser humano, com vistas a transformá-lo e transformar sua realidade.

Salienta-se que este é apenas um recorte que intenciona apontar novas estratégias que a Enfermagem pode utilizar na organização do seu trabalho, para que a ação de educação permanente no trabalho, de fato proporcione cuidar do trabalhador de Enfermagem, de forma a favorecer seu crescimento por meio do reconhecimento de sua individualidade.

Portanto, ressalta-se que a educação permanente no trabalho não é a única forma de cuidar do sujeito-cuidador. Porém, é um caminho possível, a partir do momento que busca fundamentar e sistematizar um processo educativo e cuidativo, com base no compromisso de emancipar os seres humanos para transformar sua realidade, entendendo que é nesse processo relacional de construção-desconstrução-reconstrução que se busca o ensinar, aprender, cuidar e o cuidar, aprender, ensinar.

REFERÊNCIAS

- 1 Boff L. Saber cuidar. 7ª ed. Petrópolis: Vozes; 2001.
- 2 Nunes DM, Wegner W. O desafio de ensinar a cuidar sob a ótica dos docentes da EEUFRGS. Revista Gaúcha de Enfermagem 2005;26(3):358-68.
- 3 Ayres JRCM. Tão longe, tão perto: o cuidado como desafio para o pensar e o fazer nas práticas de saúde. *In: Anais do 7º Encontro de Pesquisadores em Saúde Mental e 6º Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica*; 2002 mar 25-28; Ribeirão Preto, Brasil. Ribeirão Preto: Editora da USP; 2002. p. 13-26.
- 4 Mayeroff M. A arte de servir ao próximo para servir a si mesmo. Rio de Janeiro: Record; 1971.
- 5 Uustal DB. The ultimate balance: caring for yourself: caring for others. *Orthopaedic Nursing* 1992;11(3): 11-5.
- 6 Radünz V. Uma filosofia para enfermeiros: o cuidar de si, a convivência com a finitude e a inevitabilidade do burnout. Florianópolis: Editora da UFSC; 2001.
- 7 Codo W, Vasques-Menezes I. O que é burnout? *In: Codo W, organizador. Educação: carinho e trabalho: bournout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Petrópolis: Vozes; 1999. p. 231-47.
- 8 Leite E, Ferreira LC. Programa Vivendo e Trabalhando Melhor: treinamento do papel gerencial: relatório de acompanhamento evolutivo. Brasília (DF): Centro de Aprendizagem Vivencial; 1998.
- 9 Backes VMS, Nietzsche EA, Camponogara S, Fraga RS, Cerezer RC. A educação continuada dos alunos egressos: compromisso da universidade? *Revista Brasileira de Enfermagem* 2002;55(2):200-4.
- 10 Freire P. Pedagogia do oprimido. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1998.
- 11 Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
- 12 Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Política de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde: pólos de educação permanente em saúde. Brasília (DF); 2004.

- 13 Leite AS. Céu e inferno: metáforas no processo de cuidar entre os cuidadores. *In: Arruda EN, Gonçalves LHT, organizadores. A enfermagem e a arte de cuidar. Florianópolis: Editora da UFSC; 1999. p. 247-58.*
- 14 Lunardi VL. Gente que cuida de gente também é gente. *In: Arruda EN, Gonçalves LHT, organizadores. A enfermagem e a arte de cuidar. Florianópolis: Editora da UFSC; 1999. p. 213-21.*
- 15 Universidade Federal de Santa Catarina, Hospital Universitário, Diretoria de Enfermagem. Proposta de educação em serviço aos profissionais de enfermagem do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: HU/UFSC; 1988.
- 16 Cecílio LC. Autonomia versus controle dos trabalhadores: a gestão do poder no hospital. *Ciência & Saúde Coletiva* 1999;4(2):315-29.
- 17 Salum NC. Educação continuada no trabalho: uma perspectiva de transformação da prática e valorização do(a) trabalhador(a) de enfermagem [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 2000. 178 f.

Endereço da autora/Author's address:

Fabiane Ferraz

Rua Victor Konder, 54, apt° 303, Centro
88.015-400, Florianópolis, SC.*E-mail:* olaferraz@yahoo.com.br

Recebido em: 13/07/2005

Aprovado em: 20/03/2006